

UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS DE CAMPO E MODOS DE EXISTÊNCIA DE PIERRE BOURDIEU E BRUNO LATOUR

A REFLECTION ABOUT THE CONCEPTS OF FIELD AND MODES OF EXISTENCE BY PIERRE BOURDIEU AND BRUNO LATOUR

Cicera Batista¹

UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-2615-1803>

Valtenci Oliveira²

UFRN: <https://orcid.org/0000-0001-7031-1486>

DOI: [10.21680/1982-1662.2024v7n41ID33516](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2024v7n41ID33516)

Resumo

Esta proposta pretende analisar possíveis conexões entre os conceitos de Pierre Bourdieu e os Modos de Existências de Bruno Latour, bem como problematizar as oposições entre os modos de pensar as relações de poder na sociedade. Adota-se para tanto, a pesquisa bibliográfica cuja perspectiva metodológica permite examinar os aportes teóricos a partir dos quais estes autores formulam os conceitos em questão, no esforço de refletir sobre a inter-relação dos sujeitos com seu entorno. A bibliografia permitirá analisar a ótica que estes teóricos consideram, e cujas tendências se diferem, mas que abordam aspectos em comum passíveis de análises críticas a partir das quais pode-se abrir novas perspectivas.

Palavras-chave: Conexões; Assimetrias; Campo; Modos de existência.

¹ Email: cicerapinheirobatista.patricia@gmail.com

² Email: prvaltencioliveira@gmail.com

Abstract

This proposal intends to analyze possible connections between Pierre Bourdieu's concepts Field and Bruno Latour's Modes of Existence, as well as problematize the oppositions between ways of thinking about power relations in society. Therefore, bibliographical research is adopted, whose methodological perspective allows examining the theoretical contributions from which these authors formulate the concepts in question, in an effort to reflect on the interrelationship of subjects with their surroundings. The bibliography will make it possible to analyze the perspective that these theorists consider, and whose trends differ, but which address common aspects that are subject to critical analysis from which new perspectives can be opened.

Keywords: Connections; Asymmetry; Field; Modos of existence.

Introdução

Pierre Bourdieu e Bruno Latour, são estudiosos cujas tradições de pensamento se distanciam, sendo claramente expressadas no quadro teórico que estes autores traçam ao refletir sobre as relações sujeito/objeto. Tanto um quanto o outro, trata de questões concernentes às relações sociais a partir de pressupostos distintos, donde as reflexões, aproximações e distanciamentos enriquecem o fazer científico.

Nos mais diversos pontos os autores discordam quanto à forma de detectar a ordem dos poderes instituídos socialmente e historicamente hierarquizados através dos comportamentos que os agentes ou atores assumem diante ou em consonância com os demais. Apesar das suas vinculações a onda pós-estruturalista, as reflexões de Bourdieu e Latour pretendem por vias divergentes tratar das interações conflitivas, cada qual assumindo postura bastante específica no tocante aos aspectos econômicos, artísticos, religiosos, jurídicos, políticos e científicos enquanto elementos que se alocam na composição dos grupos.

A cultura ou coletivo enquanto sistema simbólico toma forma diferente na ótica desses sociólogos, porém conservando aspectos da sua existência social em

conformidade com a realidade cuja construção subjetiva não dissocia da objetividade. Assim permitindo ao agente ou ator reflexivo atentar para as mais diferentes unidades e grupos nos quais não se reduzem a composições estáveis. Portanto, não encaixados em parâmetros rígidos, mas sim abertos a pensarem sobre os determinantes das propriedades organizativas da sociedade.

Bourdieu e Latour são teóricos que se esforçaram por ultrapassar os limites da sociologia clássica. Pensadores que nos ajudam a refletir sobre a necessidade de um repensar e nos convidam a olhar mais adiante, criticarmos e nos reposicionarmos em relação às questões do mundo social tão amplamente pensadas por sociólogos contemporâneos.

Tanto as questões da dominação quanto do poder para Bourdieu e Latour são examinados sob conceitos particularmente fundidos para questionar como e por que o conhecimento está atrelado a um discurso que precisa ser repensado. Muito embora cada qual sob sua ótica põe o ambiente científico, de certo modo, privilegiado na medida em que o percebem como aquele que decodifica para outras formas de conhecimento a partir de sua linguagem particular, o conhecimento que apreende ou produz. Mas, também, propõe novos paradigmas teóricos/metodológicos que levantam questões pertinentes acerca do compromisso da Ciência com as demais áreas do saber.

Considerando os aspectos aqui mencionados, pretendemos examinar as proximidades entre os conceitos de campo e modos de existência formulados respectivamente pelos sociólogos Bourdieu e Latour, cujas obras são um conjunto de reflexão crítica sobre a contemporaneidade. Pretendemos discutir ao longo do texto, a crítica de Latour a perspectiva de Bourdieu que toma como princípio a relação entre o cientista e a teoria social moderna ao passo que procura desconstruir a noção de “sociologia do social” propondo a “sociologia de associações”.

O pretendido é mostrar possíveis conexões entre os conceitos de campo de Pierre Bourdieu e os modos de existências de Bruno Latour, considerando divergências ou alinhamentos das análises críticas desses sociólogos a partir deles próprios e outros autores. Visto que, Latour defende uma perspectiva interrelacional, a partir da qual aponta os problemas analíticos na construção do sistema de hierarquia da sociedade segundo a perspectiva teórica de Pierre

Bourdieu. Análise que a princípio, implica diferenças fundantes dadas na construção dos discursos e das verdades científicas, na relação entre o humano e o que estes transformam por meio da ação, bem como as impressões que os cientistas têm sobre si mesmo em conflito com seu foco de análise.

Para a discussão posta nesse texto, trouxemos como referência, *Reagregando o Social: uma introdução a teoria Ator-Rede* (2012), texto no qual Latour apresenta a sociologia de associações ao observar os aspectos dinâmicos da relação natureza/sociedade enquanto atores diversos, porém complementares. Enquanto leituras complementares, lançamos mão de *As novas sociologias* de Philippe Corcuff (2001) na qual o autor analisa as fragilidades, bem como o ponto forte das teorias em questão. Ademais, *Os usos das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico* de Bourdieu (2004), que trata da autonomia perseguida pelo campo, dadas as possibilidades das relações de forças para o jogo em voga. Para compreender a noção de campo, fizemos uso do texto de Archer (2011), *Hábitus, reflexividade e realismo*, por este apresentar análise crítica, tanto da perspectiva de Bourdieu quanto de Latour.

Outras obras, tais como *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos* (2019), *Onde Aterrar: como se orientar politicamente no antropoceno* (2020) de Latour e *Campo intelectual e projeto criador* (1968), *A economia das trocas simbólicas* (2007) de Bourdieu. O aporte teórico aqui apresentado se faz necessário, dado que este ensaio resulta de uma pesquisa bibliográfica a partir de análise exploratória que se vale de referências principais e complementares, tais como; Ortiz (2003) com *A sociologia de Pierre Bourdieu* e Thomson (2018) em *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*.

Nesse texto nós discorremos sobre os principais pontos discutidos pelos teóricos que apresentamos, ressaltando a forma como cada um deles constrói suas perspectivas teóricas, porém deixando em aberto questões passíveis de contestação na teoria social. Apesar de pontos de vistas distintos e abordagens opostas, Latour e Bourdieu traçam quadros conceituais com o objetivo de analisar as conexões construídas pelos interlocutores sociais. A análise dessas conexões mostra que os modos de existência de Latour têm notáveis semelhanças com a definição de campo elaborada por Bourdieu, embora se relacionando entre si de maneiras diferentes.

Os modos de existência conforme a definição de Bruno Latour

A ciência, assim como qualquer outro domínio, é para Latour, a instância que se conecta a outras instâncias por meio de redes. A rede compreendida como resultado ou como processo vivenciado pelas associações³ entre elementos heterogêneos, submersos e/ou emergentes no interior das instituições. Ao apresentar os modos de existência enquanto conceito a partir do qual pretende explicar as substâncias das instituições, política, econômica, religiosa, científica e do direito, Latour nos leva a questionar as interferências que estes modos têm um sobre os outros. Porém, conservando valores e características próprias e que não se confundem. Essas substâncias circulariam entre eles, os modos de existência, através do que o autor define como *continuidade e descontinuidade*.

É partindo desse pressuposto que Latour formula sua crítica à ciência moderna. Segundo ele, essa forma de construir conhecimento, tomou para si o privilégio de equiparar aspectos dos saberes diversos, bem como explicar sob sua ótica todo e qualquer problema da relação ator/coletivo. Portanto, partindo dessa compreensão Latour contesta o aporte teórico metodológico pretendido pela Sociologia desde Durkheim, ao mesmo tempo que apresenta a abordagem do tipo ator-rede cujo aparato conceitual pretende trazer inovações sobre o que entendemos por Teoria Social (Latour, 2012; 2020).

Desta maneira, segundo a crítica de Latour, os modos de existência são parte de um fluido circulante, e por isso, a “epistemologia usual” deveria superar a ideia ingênua de causalidade, uma vez que os atores humanos não dominam por completo aquilo que produzem. A compreensão de sujeito agente sobre o objeto, viria ser substituída, segundo Latour, pela noção de interação na qual todos os seres agem de alguma forma influenciando o social que Latour chama de coletivo. Portanto o ambiente onde os atores adquirem papéis dinâmicos no exercício prático por intermédio do ato reflexivo.

A sincronia entre os deveres do cientista social e a exploração do objeto na sua dinâmica, permitiria, de certa forma, uma transformação que nenhuma “força social” seria capaz de deter ou mantê-los estáveis em posição confortável frente às diferentes composições de agregados. Essa suposição parte da crítica à sociologia tradicional, e sugere que a tradição sociológica perfilou tentativas de

³ Associações enquanto processo transportador de valores das entidades e onde transitam os atores.

reconciliação ou desconstrução das percepções modernas. Porém, não teria obtido êxito ao analisar a relação entre o saber científico e outras formas de saberes ao explorar os ofícios e valores constituídos sob o olhar da ciência.

Falar de diferentes modos de existência e pretender investigá-los com alguma precisão é retomar essa antiga divisão do trabalho entre as palavras e as coisas, a linguagem e o ser, uma divisão que depende necessariamente de uma história da filosofia, com a qual, receio, teremos de lidar além, de todo o resto. O objetivo será obter menos diversidade na linguagem - se terá de pagar em dinheiro e não em bônus, porém mais diversidade nos seres admitindo à existência. - Há mais de uma categoria ou, melhor, a vontade de saber não é a única categoria que permite interrogar a diversidade do ser (passaremos muito tempo para tirar essa dificuldade do caminho) (Latour, 2019 p. 31 *et seq.*).

Latour propõe resgatar ante o debate contemporâneo o trato com os seres cuja ausência no diálogo, teria deixado lacunas impeditivas para entendimento sobre verdadeiro e o falso. Ele refere-se à diversidade dos seres, da qual não exclui atores humanos e os não-humanos, como uma forma de aflorar a confiança novamente na instituição científica. Esse argumento tem por base o “pluralismo ontológico” que consiste em ostentar uma comunicação entre a reflexão filosófica e o fazer etnográfico, como alternativa ao que chama de “herança dos modernos” que segundo o sociólogo, teima em manter os olhos fixados no passado mediante valores que nos levaram aos inúmeros “erros de categorias”. Valores estes, surgidos ao passo que envolvidos pela própria noção moderna de “valor⁴”, e que perante a perspectiva ator-rede deveriam ser revisados ou recontados sob nova narrativa.

A mudança epistemológica via dispositivo diplomático que visa redefinição da objetividade mediante compreensão plena da interação entre valores, conceito no qual Latour pauta a sua discussão, acerca da relação conflituosa entre a verdade científica e os métodos. Através de tais valores contestados pelo autor, teria surgido o pacto da separação entre natureza e sociedade, porém, atualmente contestados por recentes noções de valores. Uma vez dadas as atuais condições dos seres e a relação entre si, estaríamos fadados “a revisitar a definição do que é um humano, um território, uma política, uma civilização” (Latour, 2020, p. 100 *et seq.*). Essa necessidade em revisar tais definições, teria surgido, portanto, do

⁴ Referente ao valor da objetividade da ciência moderna problematizado em *Reagregando o Social* (Latour, 2012) e *Investigação sobre os modos de existência* (Latour, 2019).

confronto e da capacidade reativa dos seres, sejam eles integrantes do sistema de produção ou de geração onde os interesses humanos em relação ao seu entorno deveriam ser recompostos.

A separação dos campos postos por Bourdieu, bem como os limites entre eles, são postos em dúvida por Latour, porque segundo o autor a era do antropoceno mostra que a relação entre os “híbridos”, são intensificadas na medida em que eles proliferam. Uma relação conflituosa na qual os seres mantêm importância equivalentes para o constructo social. Tal relação daria subsídio à construção de uma nova identidade coletiva na qual o humano e o não-humano são influenciados mutuamente. Diz Latour, que sob a forma de um “sistema de geração” em que ao humano não tenha mais de escolher entre indivíduo e natureza, “todos os atores, todos os seres animados suscitam a questão sobre constituir descendência e ascendência, sobre reconhecer e se inserir nas linhagens”, ou seja, a perpetuação dos seres mediante interdependência (Latour, 2020, p. 100 *et seq.*).

Não há mais como pensar as diferenças invocando inúmeros pontos de vista, a partir de um mesmo quadro de referência estável porque estes só permitiriam contrastar a racionalidade da irracionalidade numa concepção reducionista que opõe natureza e cultura (Latour, 2012, p. 41 *et seq.*). As ações individuais realizadas por atores humanos, não nos forneceria uma compreensão adequada sobre o material social. Segundo Latour (2012) seria preciso abrir mão do quadro de referência social e se ancorar na ideia de que o mundo tem, enquanto propriedade própria, uma hermenêutica cujas incertezas e controvérsias, contradiz a ideia de que o humano detém o privilégio da interpretação.

A perspectiva de Campo em Pierre Bourdieu

De acordo com Thomson (2018) a ideia de “campo”⁵ em Bourdieu não tem poder explicativo por si só. Essa constatação o teria levado a formular a noção de campo, capital e habitus, como um trio de conceitos fundamentais e interdependentes na sua construção teórica e metodológica. A ideia é que para

⁵ O conceito de “campo” de Bourdieu tem a ver com sistemas sociais em os agentes têm uma posição fixada a priori. Também é definido como o *locus* onde ocorrem as batalhas ou disputas entre os atores em torno de interesses específicos que são característicos deste espaço. Portanto o campo é o *locus* e pode ser definido como o espaço social onde acontece as relações objetivas (Bourdieu, 1989).

entender como os agentes estendem suas redes de relações, ao passo que se adaptam ou transgridem a norma, seria preciso situá-los no espaço social, compreender a apreensão do capital e aquisição de certas práticas padronizadas, porém considerando as condições em que os agentes tivessem sido originados. Dessa forma, o *campo*, entendido enquanto espaço de relações, e o *habitus*, enquanto disposições incorporadas, possibilitariam a dialética para a produção, reprodução e construção continuada do mundo social através das práticas socialmente adquiridas.

A tentativa de fugir à regra ou propor uma problematização inovadora acerca do fazer sociológico leva Bourdieu a formular a noção de *campo* estabelecendo os limites que caracterizariam o fazer científico, artístico, econômico, político, religioso e assim por diante, noção que é atualmente refutada pelo sociólogo Bruno Latour através da Teoria Ator-Rede. Tal noção possibilitaria uma abordagem alternativa, como o próprio Bourdieu afirma, às concepções interpretativas “internalistas ou externalistas”, a partir das quais reforça; “há os que sustentam que para compreender a história ou filosofia basta ler os textos” (Bourdieu, 2004. 18 *et seq.*), uma tendência que havia surgido na França e se espalhando pelo mundo na era pós-moderna.

A crítica de Bourdieu se aplica ao modo como seriam, de acordo com sua percepção, cultivados os antagonismos e oposições às tradições de pensamento moderno, mas também a forma como seriam colocadas as relações entre textos e contextos em se tratando da história das ciências, a exemplo da tradição marxista na análise da questão econômica.

Conforme Grenfell (2018), a epistemologia de Bourdieu, a partir da qual o sociólogo propôs uma recombinação de Weber e Durkheim, também o levou a querer instaurar novamente, porém livre da propaganda comunista, uma ação da filosofia marxista para além da que havia sido comungada entre autores do século XIX. Thomson (2018), numa análise crítica as fronteiras estabelecidas na teoria dos campos, avalia que Bourdieu ao explorar a construção do conhecimento científico considerou os impactos da sua proposta epistemológica e metodológica na posteridade.

Assim, Bourdieu, segundo Grenfell (2018), revisita o funcionalismo positivista de Durkheim, ao passo que analisa as contribuições da crítica radical de

Marx comprometida com as formas ideacionais emergentes, assim como a compreensão da realidade social focada na construção da significação humana de Weber. Ele focaliza nos aspectos comuns dessas vertentes que investigam a gênese histórica de grupos institucionalizados, bem como os meios produzidos pelos agentes intencionalmente para fins de conservação e legitimação do poder, da ordem mais simples à mais substancialmente organizada. Tal como a estrutura do campo religioso, diz Bourdieu que:

Contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação, da percepção e do pensamento do mundo, e em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política, apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural dos cosmos (Bourdieu, 2007, p. 33-34).

Para Bourdieu, não bastaria associar um contexto social ou um fato histórico diretamente a uma estrutura textual para interpretar ou mesmo compreender o que constrói as bases das relações entre os agentes e o todo. E, apesar da concorrência organizativa entre os grupos na busca por autonomia, e sob condições específicas em cada época, as ações convergentes deveriam ser observadas com atenção especial. “As transformações das estruturas da relação simbólica” (Bourdieu, 2007, p. 38) seriam o aspecto indispensável à compreensão da construção do campo intelectual, por exemplo, dada sua contribuição para legitimar determinadas práticas nos diferentes campos sociais.

Bourdieu (2004), argumenta que, haveria entre o contexto e o fato, o *campo*, sendo este um espaço parcialmente autônomo que obedeceria às leis sociais singulares, porém, vislumbrando a possibilidade de transgredir o global, a exemplo da Ciência, cuja a autonomia permitiria requisitar valores, bem como impor-se enquanto campo. Seria justo essa autonomia do fazer científico, segundo a perspectiva de Bourdieu, que viria a se tornar alvo da análise crítica de Latour. Este também se debruça sobre a sociologia crítica como um todo acusando-a de traduzir conforme suas próprias noções as percepções dos atores e suas ações. Diz Latour, contrariando as reflexões de Bourdieu, que:

Os atores podem também ter suas próprias teorias da ação para explicar como se produzem os efeitos das ações. Bons raciocinadores e habilidosos metafísicos, os atores - segundo a nova postura provisória da ANT - possuem sua própria metateoria sobre

como a ação se desenvolve e na maioria das vezes deixam perplexos os metafísicos tradicionais (Latour, 2012, p. 90).

O protagonismo da ação dos atores é construído por Latour sob a premissa de que estes, humanos ou não-humanos, explicariam o social. No entanto, o contrário não aconteceria, ou seja, o social não explicaria a ação dos atores por não ser esta sua atribuição. Isso porque a metodologia aplicada em todos os domínios, pela Teoria Social Tradicional, haveria recusado uma explicação científica da própria ciência. Isso implicaria, segundo Latour, numa contradição, porém, gerando a oportunidade de refazer o caminho da teoria social na contemporaneidade (Latour, 2012, p. 143 e ss).

Se para Latour os *modos de existência* operam sob uma interconexão ilimitada entre o individual e o coletivo, entre o humano e não humano, o *campo* de Bourdieu proporciona a dialética necessária entre os agentes ao lidarem com demandas externas. Essa forma de relação faria introjetar nos agentes certas noções, a depender do nível de autonomia sob a qual o *campo* constrói. Para Latour (2012), o que Bourdieu entende por campo nada mais é que um mediador entre outros, nos quais as causas garantem ocasiões e circunstâncias, em detrimento da noção dos efeitos sobre as causas. O espaço científico como outros tais: o econômico, o político, o religioso etc., seriam, segundo Bourdieu, caracterizados por suas capacidades de comportar cada qual a sua maneira e especificidade, as relações de forças entre agentes a configurar as interações dos diferentes campos. Essa compreensão seria, para Latour, um problema na medida em que negligencia a imprevisibilidade de novas situações recorrentes em que os atores precisariam se mobilizar, prosseguindo ou retroagindo nas ações a fim de manter a perenidade da construção dos vínculos sociais.

Quanto a noção da oposição subjetivismo/objetivismo para Bourdieu enquanto modos de conhecimento, segundo Grenfell (2018), ganhariam um sentido diferenciado do proposto pela fenomenologia e pela física social, sendo essas duas perspectivas, elementos a serem empregados – não separados – na construção de uma “teoria da prática” cuja abordagem correspondesse a compreensão das condições pessoais e contextuais e, conseqüentemente, posicionamentos estratégicos dos agentes na sociedade.

Bourdieu (2002) diz ser a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer ou, mais precisamente, seria a

posição que eles ocupam nessa estrutura que determinaria ou orientaria, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição. O princípio posto, orienta o ponto de discussão entre o momento objetivista e o momento subjetivista do sociólogo. De acordo com Corcuff (2001), momento em que na pesquisa, Bourdieu se dá conta da “dupla dimensão da realidade social”, porém, fazendo prevalecer a estrutura sobre os sujeitos ao formular a noção de campo. Essa perspectiva para Latour (2012) seria um dos pontos fracos da sociologia do social, ou melhor, dos sociólogos críticos, que não obstante substituíram a ação dos objetos pelas forças sociais.

Quase sempre inspirados pela fenomenologia, esses movimentos reformistas herdaram todos os seus defeitos: não conseguem imaginar uma metafísica onde haja outras ações reais, além das praticadas intencionalmente pelos homens - ou, pior ainda, opõem a ação humana ao mero “efeito material” de objetos naturais que como dizem, não têm ação, apenas “comportamento”. Ora, uma sociologia “interpretativa” é uma sociologia do social, tanto quanto qualquer versão “objetivista” ou “positivista” que ela pretenda substituir (Latour, 2012, p. 95).

Latour contesta a tradição sociológica que sobrepõe o todo ao individual, bem como a compreensão de que o local e o global se constroem por oposição um ao outro. Fugindo a concepção de estrutura, ele afirma que os atores humanos e não-humanos em coletivo ou atuando conforme determinado modo, cuja ação pode ser intencional ou ocasional, fogem a regra teórica da “diferença absoluta” entre a ação e o comportamento. Conforme essa premissa, nas experiências interativas, haveria uma equiparação entre os humanos e as coisas do seu entorno, dadas proporção entre mediadores e intermediários no espaço e no tempo a depender da configuração que assumem no seio social.

A interação pautada na ação planejada ou improvisada pelos atores seria o que promove as possibilidades de construção permanente do coletivo. De acordo com Latour (2012) essa dinâmica que envolve movimento constante dos atores permitiria desfazer a noção de dualidades, bem como a noção de estrutura e contexto, as quais Bourdieu dá ênfase. O autor também destaca o papel estruturante das disposições que os agentes intencionalmente têm e as utiliza para as “escolhas que compensam”. Apesar da previsibilidade que Bourdieu dá para a antecipação da aposta no jogo que os agentes sociais desdobram, ele não os põe como “fantoques”, como argumentou Latour ao se referir aos interlocutores no *campo* como espaço estável. Porque “os agentes sociais não são partículas

passivamente conduzidas pelas forças do campo”, mas, dotados de disposições adquiridas, como o *habitus*, “maneira de ser permanente e durável”, eles tendem a resistir à transformação do campo. Portanto:

Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se, seja para conservação da estrutura, seja para sua transformação e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição nos limites, no entanto, de suas disposições (Bourdieu, 2004, p. 29).

A estrutura social em que o campo científico ganha autonomia, mas também goza de certo privilégio nas análises de Bourdieu, sustenta no seu interior os paradoxos dos subcampos onde o capital científico, em se tratando deste campo, faz toda a diferença. Um dos aspectos dessa importância é a representação invocada pelos cientistas, e outro aspecto importante é o sistema de classificações com os quais operam os cientistas. Para além de diferenciar os campos, essas noções estão estreitamente relacionadas às percepções do investigador sobre seu objeto, por entenderem o trabalho da objetivação a partir de forças concorrentes nos campos, social e científico, onde o último deveria impor-se aos demais.

Comparações entre conceitos de campo científico

Tanto Bruno Latour como Pierre Bourdieu se propuseram a revestir a teoria social do aparato conceitual capaz de inovar a concepção das relações entre os agentes/atores e o seu entorno, interessados especialmente nas articulações que esses interlocutores desenvolvem na construção social. Uma comunicação sempre baseada em interesses e predisposições que a realidade para além da construção cognitiva desses interlocutores, apreende. Para Corcuff (2001), trata-se de um movimento de “reflexividade sociológica” passível de análise crítica por dar elevada importância à apropriação das interações cognitivas e linguísticas.

A respeito de Latour, Corcuff (2018) argumenta que o sociólogo reduz a compreensão de Bourdieu sobre as “relações de força” ao passo que nega a “existência de relações de razão”, o que provocou reações negativas às novas sociologias das ciências. Diz Latour que cabe ao cientista social identificar os domínios específicos das formas de saberes, porém, não é tarefa deles impor

limites, haja vista que “não há nada de específico na ordem social” bem como “nenhuma força social” explicaria “traços do social que outros domínios não explicam” (Latour, 2012, p. 22 *et seq.*), supondo então que associações particularmente processuais fornecidas pelos mais diversos atores (indivíduos, coletivos e objetos) constroem de forma permanente elos entre elementos plurais.

A construção de valores a partir dos quais os aspectos científicos são analisados mediante ideia tendencialmente relativista, seria para Corcuff um ponto frágil das posições epistemológicas de Bruno Latour. Por outro lado, o relativismo de Latour consiste em não impor simetrias porque considera importantes “as maneiras práticas pelas quais o conhecimento das ações alheias é produzido diariamente” (Latour, 2012, p. 255). O pretendido é fazer com que compreendamos as conexões, entre a ciência, a economia, o direito dentre outros modos a partir dos deslocamentos que eles realizam para composição do coletivo⁶. Esse deslocamento aconteceria por meio de um mecanismo que faz os atores se mobilizarem conforme suas disposições independentes e autônomas, porém, interativas.

Por oposição à ideia de estrutura e contexto social sob o círculo dialético proposta por Bourdieu, a abordagem de Latour mergulha na noção de descrição plana a partir da rede enquanto ferramenta metodológica. A rede permitiria captar o social enquanto movimento sem impor simetrias entre os atores e o mundo material de relações causais. Desse modo as ações individuais, bem como instituições, passariam por pleno rastreamento das frágeis conexões que estes estabelecem e desfazem o tempo todo. O problema é que nessa perspectiva “os universos científicos aparecem como similares aos outros” (Corcuff, 2001, p. 28). Já Bourdieu trabalha com a ideia de que “se o campo científico partilha características com os outros campos, ele possui autonomia”, mas também especificidade de um jogo social onde “a ideia verdadeira é poderosa”. Premissa contestada por Latour.

Se a noção de campo está atrelada ao espaço onde os indivíduos operam em função de deliberações bastante específicas porque se mobilizam no interior desse espaço, sobrevivendo às forças dominantes e dominadas, a noção de modo de

⁶ Modos de composição do coletivo enquanto sinônimo dos modos de existência, ou seja, as diferentes formas de produção do conhecimento - científico, econômico, religioso, artístico, jurídico etc. (Latour, 2012, 2019).

existência é desdobrada como mecanismo que mantém associados os atores num movimento perene de construção e desconstrução. Enquanto Bourdieu ressalta que “a estrutura do campo intelectual mantém uma relação de interdependência como uma das estruturas fundamentais do campo cultural” (Bourdieu, 1968, p. 130), e os enquadra enquanto uma das esferas que compõe o social, devendo ou não, ser apreendido pelos agentes de forma legítima. Latour critica a experiência científica que opera por meio do “monopólio” do discurso sobre a composição do social.

A dependência entre os agentes seria para Bourdieu o que dinamiza as relações de força no campo social. Nesse aspecto, a noção de campo ganha sentido restrito ao espaço onde um grupo apreende e reproduz determinados bens valorativos. E apesar de passível de transformação, o campo conserva em si certas características singulares e permanentes. Sendo que essa transformação plasmada na reprodução desigual de capital favoreceria um determinado grupo de agentes, ainda que a dinâmica objetiva e predisposições subjetivas permitam os agentes transitarem de um campo a outros.

É na medida em que faz parte de um campo intelectual em referência ao qual se define e se constitui seu projeto criador, na medida em que, se quisermos, ele é o contemporâneo daqueles com quem se comunica e aos quais se dirige através de sua obra, recorrendo implicitamente a todo um código que possui em comum com eles, - temas e problemas na ordem do dia, maneiras de pensar, etc. - suas escolhas intelectuais ou artísticas as mais conscientes são sempre orientadas por sua cultura e seu gosto, interiorização da cultura objetiva de uma sociedade, de uma época ou de uma classe (Bourdieu, 1968, p. 136).

Os pontos comuns e divergentes abordados pelos sociólogos em questão são múltiplos. O mesmo não se pode dizer acerca das tendências reflexivas que ambos propõem em suas obras. Os espaços de discussão surgidos da necessidade de explicar como e porque os atores ou agentes se comportam sob determinada premissa ante o processo de socialização acolhem as perspectivas ou cosmovisões divergentes porque o âmbito social na sua diversidade requer tais arranjos teóricos. Archer (2011) questiona se o *habitus* de Bourdieu, enquanto motivador da socialização, ainda permite examinar a relação disposicionalidade e posicionalidade, se sim, haveria um comprometimento na noção de campo definida por ele, uma vez que atualmente o próprio processo de formação dos grupos, assumem novos formatos, o que daria relevância a argumentação de Latour sobre a

permanente e rápida transformação sob a qual as relações se reconstróem entre os atores.

A “soberania” que os agentes intelectuais de Bourdieu adquirem por meios de estratégias movidas por interesses subjetivos e orientadas pela realidade objetiva do social assume um quê de “discurso privilegiado” incompatível com a perspectiva analítica que a sociologia das associações propõe. Para Latour é inviável estabelecer quadros de referências estáveis sob pena de anularmos as capacidades que os atores humanos e não-humanos têm de desenvolver ações (Latour, 2012, p. 194 *et seq.*).

Em razão da necessidade de redistribuir os vínculos entre o local e o global, devemos fazer o caminho de volta indagando sobre a responsabilidade de redefinir o social enquanto coletivo. Ainda que partamos da “antevisão” “moderna reflexiva”, “da sociedade *sui generis*” ou “sistemas autopoieticos” e mesmo a “economia simbólica dos campos”, para Latour, tais narrativas devem preparar o cientista social para a tarefa política de pensar em como recompor o coletivo, pois não pode funcionar como mera reprodução (Latour, 2012, p. 274 *et seq.*). A respeito das contribuições teóricas, surgidas das necessidades de avaliar as variações sofridas pela ordem e realidade social, Archer (2011) argumenta que reflexividade e a noção de *habitus* em Bourdieu torna uma conciliação possível no âmbito da teoria social, porém “vazia de prática”.

O que pesa sobre a ideia do inconsciente cultural defendido por Pierre Bourdieu é a relação que os agentes, seja do campo científico ou de qualquer outro, mantém de forma quase que automática, por estar inscrito no *habitus*. Uma vez considerados os aspectos imitativos em função do que ele denomina “cumplicidade imediata” a reprodução de práticas já estabelecida pela noção de lugar comum em uma espécie de casta. Isso implica a construção de uma realidade social histórica suscetível à mudança, embora limitada mediante a forma como os agentes apreendem novos valores e normas ou novo capital.

Em detrimento da estabilidade entre as conexões que mantém grupos ou agregados em espaços bem definidos, Latour na crítica a *sociologia do social* vem propor o deslocamento do quadro conceitual e metodológico da teoria social convencional para o rastreamento dessas conexões. Para tanto, seria indispensável, segundo o sociólogo, partir das controvérsias que a geração de

agregados apresenta, haja vista sua natureza mobilizadora, performativa e transgressora, o grupo é “o produto provisório de rumor constante por milhares de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele” (Latour, 2012, p 54 *et seq.*). Assim, para localizar a ação dos atores, seria preciso seguir o conjunto de padrões que têm por função pré-formatar o local, assim como o global usando variações de vínculos de forma diacrônica.

A sociologia das associações como alternativa à sociologia do social seria uma tentativa de Bruno Latour em romper com a ideia da separação entre a natureza e cultura ou, como ele próprio define, “natureza e sociedade”, a fim de reunir novamente os coletivos, atenuando o que ele chama de crise das Ciências Sociais. E, dessa forma, restaurar a teoria social a partir de um esquema conceitual e um quadro metodológico que, segundo ele, busca responder às demandas da contemporaneidade. É um esforço para se desvencilhar da sociologia crítica, ao passo que ingressa com a ideia da relevância política e científica da sociologia de associações como epistemologia do século XXI.

A noção de campo cujos aspectos reforçam o papel das forças sociais que as percebe como indispensáveis para o entrelaçamento de posições objetivas na construção de campos simbólicos por meio do *habitus* são alvo das críticas de Latour. Este autor entende que essa relação funciona como uma anexação de todo o resíduo de outras formas de conhecimento ao contexto social. Contrário à construção da estrutura social em que a hierarquia opera sob relações muito específicas, nas quais a aquisição dos bens são determinantes para as posições dos agentes de Bourdieu, Latour propõe rastrear os atores nas conexões entre coisas não sociais em si mesmas.

O rastreamento dessas conexões permitiram examinar a natureza do que se agrega devido a multiplicidade de produtos técnicos e científicos que existem nos agregados. Essa diversidade exige ser analisada na perspectiva de mudança no campo da ciência tanto quanto na complexa composição da “sociedade”. Uma transmutação que não se contenta com o controle sobre os aspectos residuais que escapam a outros domínios, tal como ocorre na teoria social moderna.

Se em Bourdieu o campo intelectual ou científico parece conservar certo privilégio, legitimando determinadas práticas sociais que estão restritas aos agentes humanos, o mesmo não ocorre sob a perspectiva da sociologia de

associações proposta por Latour. Para ele é preciso revisar o objeto bem como a metodologia das Ciências Sociais, em razão dos elementos desiguais que as conexões, não restritas aos humanos, apresentam; o que exige redefinir na Sociologia “a busca de associações”. Assim, a noção de social é ampliada a um “movimento peculiar” que exclui a ideia do “sistema de relação de força” proposto por Bourdieu ao apontar que:

Para dar à sociologia da criação intelectual e artística seu objeto próprio e ao mesmo tempo, seus limites, é preciso perceber e considerar que a relação que um criador mantém com sua obra, e por isso mesmo, a própria obra são afetadas pelo, sistemas de relações sociais, nas quais se realiza a criação como ato de comunicação ou, mais precisamente, pela posição do criador na estrutura do campo intelectual. (ela própria, função ao menos por um lado, de sua obra anterior e da aceitação obtida por ela). Irredutível a um simples agregado de agentes isolados, a um conjunto aditivo de elementos simplesmente justapostos, o campo intelectual da mesma maneira que o campo magnético, constitui um sistema de linhas de força (Bourdieu, 1968, p. 105).

Na crítica à sociologia de Bourdieu, diz Latour (2012) que o social não é como uma cola onde podemos pregar qualquer coisa e explicar todas as questões dos existentes a partir do fazer científico. A sociedade é performática permanentemente e seu funcionamento depende dos atores enquanto executores, sejam eles indivíduos ou instituições, sua mobilização deve prevalecer em detrimento de toda e qualquer estrutura rígida. Em função de sua natureza mutável é que as relações fogem aos padrões definidos pela tradição sociológica que carrega em si a responsabilidade de tornar inteligível todo e qualquer modo de existência. Argumento que Latour aprofunda na obra *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*.

Os modos, longe de serem parte de uma estrutura social manipulável, são capazes de compor vínculos sociais transitórios dentro e fora dos seus limites, desde que o universo social de conexões provisórias permitam aos mediadores reunirem o coletivo. Essa percepção foge do repertório ontológico padronizado, na medida em que avança sobre a pluralidade dos mundos e dos regimes de existência que habitam o coletivo almejado por Latour. Assim, fica entendido que à ciência social cabe a ação política de recomeçar o território plano ao visar superação da ideia de contexto social.

Resgatar a noção de complementaridade natureza e cultura (humanos e

não-humanos) é atitude básica considerada por Latour nessa recomposição “como um movimento peculiar de reassociação e reagregação” (Latour, 2012, p. 25). O que daria a possibilidade de ampliar o horizonte dos elementos, da arte com toda a sua dimensão expressiva, do direito cujo aparato funciona conforme princípios próprios, embora havendo em sua construção elementos que não pertencem ao seu núcleo jurídico. Da mesma forma, o modo religioso expressado a partir de conhecimento próprio sobre seu significado intersubjetivo produz percepções para além da racionalidade científica constituída na modernidade.

O quadro conceitual proposto pela sociologia do social, e ao qual está associado o sociólogo Bourdieu, segundo Latour serviu de base para uma imagem caricata de outras formas de saber. Teria sido construído sob um estado de coisas subversivo cujo entendimento é de que a racionalização do fenômeno da fé na modernidade (a exemplo do modo de existência religioso) produz uma efetiva interpretação da tradição a partir da ciência (Latour, 2012; 2019). Esse processo teria conduzido o regime científico à “crença” na dicotomia entre natureza e cultura. Portanto, a percepção moderna que objetivou a separação entre os objetos (seres não-humanos) e as relações humanas representadas pelas subjetividades (sujeitos), o “duplo clique⁷” que conduziu a ciência a uma série de categorias erradas, assim subvertendo a contradição e as interpretações próprias de outros modos de existência não justificados no conhecimento objetivo.

Considerações finais

Na trajetória das Ciências Sociais a oposição sujeito/objeto, indivíduo/sociedade e contradições referentes à prática, bem como à ação reflexiva, são amplamente discutidas como o que norteia o diálogo entre cientistas sociais de diferentes tendências. Esse artigo pretendeu discutir a relevância do debate teórico entre Bourdieu e Latour enquanto analistas do século XX. Os mesmos se propuseram a investigar a forma como se estabelecem as relações sociais com a promessa de revitalizar a teoria social, superando a noção de

⁷ Termo técnico utilizado por Latour ao se referir às explicações simplificadas acerca da produção do conhecimento. No texto “Não congelarás a imagem”, Ou: como não desentender o debate ciência-religião, esse termo está relacionado a comunicação cuja análise tem como referência o discurso religioso. Donde é preciso considerar o processo de deformação da linguagem informativa entre os interlocutores para que não sejam produzidos “erros de categorias” produtoras de “crença na crença” (Latour, 2004, p. 354 *et seq.*).

separação entre o sujeito e o objeto. Bourdieu, cujo quadro de referência é criticado por Latour, parte do princípio de que os agentes organizados em grupos apreendem a realidade onde o *habitus* desempenha um papel crucial no campo intelectual, econômico, artístico dentre outros.

Latour, cuja premissa é revisar o que chama de bifurcação entre natureza e cultura, parte de um esquema conceitual que prenuncia uma discussão que toma subjetividade e objetividade como dimensões diferentes, porém complementares na relação social. Para este autor a tarefa de redescobrir o social implica rastrear a multiplicidade dos elementos que se agregam num movimento permanente em que os atores buscam por associações. Portanto, seria preciso revisar o objeto bem como a metodologia das Ciências Sociais, haja vista a hibridização da dinâmica coletiva ser carregada de elementos heterogêneos que limitaria a apreensão plena do conteúdo social pelo cientista social.

A ideia de Latour sobre a relação sujeito e objeto exige pensar sobre uma associação entre os seres, em que a noção de *habitus* e mesmo o campo de Bourdieu teriam um quê da permanência de práticas automatizadas. Ao priorizar a ideia de associação entre elementos heterogêneos em detrimento da relação entre as estruturas do campo social, Latour trabalha com o conceito de modos de existência a partir do qual interroga o papel do cientista, “criador de verdades”. Assim, Latour se afasta da concepção de campo formulada por Bourdieu, na medida em que coloca o próprio fazer científico como objeto de sua investigação, assim como apresenta uma visão inovadora a respeito desse “encontro” entre seres da ciência e da cultura.

Vimos que o quadro conceitual constituído pela sociologia desde Durkheim, é alvo da crítica de Bruno Latour. Este último, parte do princípio de que, refazer o caminho da teoria social requer mais do que um aparato conceitual e metodológico moderno. Essa ideia é posta a partir da teoria Ator-Rede e problematizada na obra *Investigação sobre os modos de existência*, onde ele critica profundamente a forma como a ciência se encarregou da formulação de padrões com os quais a sociologia como a de Bourdieu, por exemplo, não conseguiu romper.

Referências

- ARCHER, M. Habitus, reflexividade e realismo. **DADOS - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, 2011, p.157-206.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesco, 2003.
- BOURDIEU, P. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOURDIEU, P. Campo intelectual e projeto criador. *In: Pouillon, J. et al.(Org.). Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-145.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.
- LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LATOUR, Bruno. **Onde aterrar: como se orientar politicamente no Antropoceno**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- THOMSON, Patrícia. Campo. *In: GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

Recebido: 6 ago 2023
Aceito: 17 mar 2024